

A REPRESENTAÇÃO DAS CIÊNCIAS HUMANAS NAS REDES SOCIAIS: DISCURSO OFICIAL E DISCURSO ORDINÁRIO

Matheus Henrique Leandro Garcia (UEMS)

matheusleandro78@gmail.com

Aline Saddi Chaves (UEMS)

alinechaves@uems.br

RESUMO

O debate sobre a legitimidade das ciências humanas configurou-se como um acontecimento discursivo em 2019, a partir da publicação de um *tweet* do Presidente da República do Brasil sobre um projeto de descentralização dos investimentos do Ministério da Educação (MEC) em cursos da área de humanas, como filosofia e sociologia, com o objetivo de investir em áreas prioritárias e que trouxessem retorno imediato ao contribuinte, a exemplo da veterinária, engenharia e medicina. Essa publicação repercutiu nas redes sociais, gerando um embate que coloca à mostra a representação discursiva de instâncias oficiais e ordinárias sobre as ciências humanas. O objetivo principal deste artigo é descrever e interpretar os efeitos de sentido das repercussões deste acontecimento na rede social *Twitter*, dividindo opiniões sobre a legitimidade das ciências humanas, e configurando formações discursivas antagônicas, que veiculam sentidos atravessados e visões distorcidas sobre o conceito de ciência e, em particular, sobre a área de humanidades. Esta pesquisa está fundamentada na Análise do Discurso de linha francesa, a fim de compreender as condições de produção destes discursos e os sentidos de desvalorização das humanidades.

Palavras-chave:

Ciências Humanas. Formação discursiva. Análise do discurso.

ABSTRACT

The debate on the legitimacy of the Humanities was configured as a discursive event in 2019, based on the publication of a tweet from the President of the Republic of Brazil on a project to decentralize investments by the Ministry of Education (MEC) in courses in the area of Humanities, such as Philosophy and Sociology, with the objective of investing in priority areas that would bring immediate return to the taxpayer, such as Veterinary, Engineering and Medicine. This publication had repercussions on social medias, generating a clash that exposes a discursive representation of an official and ordinary publication on the Human Sciences. The main objective of this article is to describe and interpret the meaning effects of the repercussions of this event on social media Twitter, which divides the opinions about the legitimacy of the Human Sciences, configuring antagonistic discursive formations, which convey crossed meanings and distorted views about the concept of science and, in particular, on the Humanities area. This research is based on the Discourse Analysis of French line, an end to understand the conditions of production of these discourses and the meanings of devaluation of the Humanities.

Keywords:
Humanities. Discourse Analysis. Discursive formation.

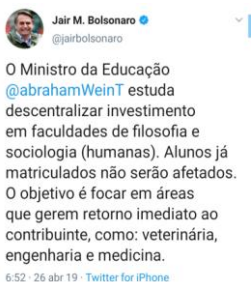
1. Introdução

Desde a campanha presidencial de 2018, no Brasil, o debate sobre a legitimidade das ciências humanas ganhou os espaços de produção e circulação da informação, isto é, as mídias em sentido amplo, refletindo a polarização política e ideológica do período, que colocou em lados opostos a direita – cujo candidato foi eleito para ocupar o cargo de Presidente da República – e a esquerda, que estivera no poder de 2003 a 2016.

Essa polarização explica o caráter polêmico do debate sobre a legitimidade das ciências humanas, que atualiza posicionamentos ideológicos antagônicos. Trata-se de uma série de discursos que representam as ciências humanas de forma valorizante ou desvalorizante. Tais representações trazem à tona discussões sobre a legitimidade da(s) ciência(s), a avaliação sobre o conhecimento científico aplicável na sociedade, e ainda, a presença das ciências humanas nas universidades públicas brasileiras.

Este debate configurou-se como um acontecimento discursivo em 2019, a partir da publicação de um *tweet* do Presidente da República do Brasil sobre um projeto de descentralização dos investimentos do Ministério da Educação (MEC) em cursos da área de humanas, como filosofia e sociologia, com o objetivo de investir em áreas prioritárias, que trouxessem retorno imediato ao contribuinte, a exemplo da veterinária, engenharia e medicina, como vemos a seguir:

Figura 1: Tweet do Presidente da República.



Fonte: Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1121713534402990081>. Acesso em: 13 out 2020.

A partir da manifestação pública como a que expusemos, surgiram discussões nas redes sociais, dividindo os usuários, representantes do discurso ordinário: são, sobretudo, estudantes de universidades públicas que comentam a respeito do tema, ora reproduzindo o discurso que deslegitima as ciências humanas, ora proferindo discursos em defesa da autonomia universitária e das importâncias dessa área das ciências. É possível observar, portanto, que se dividem em dois grupos ou formações discursivas antagonicas: os que acenaram positivamente ao Presidente e ao projeto, e os que o reprovaram. Com relação aos efeitos de sentido desses discursos, têm-se que, de um lado, os comentários de apoio ao presidente carregam sentidos distorcidos sobre a noção de ciência, considerada legítima apenas para algumas áreas, notadamente as que trazem um retorno imediato à sociedade; do outro lado, os discursos que reprovam o projeto do Presidente, avaliam-no como um ataque às ciências humanas.

A partir deste estado de coisas, o presente artigo tem como objeto analisar, com base no aparato teórico da Análise do discurso francesa, a representação discursiva das ciências humanas em três *tweets*, publicados por sujeitos da esfera ordinária, em repercussão aos discursos da esfera oficial (política). Temos como hipótese que as discussões sobre a legitimidade ou a não legitimidade das ciências humanas para a sociedade está relacionada às diferentes formações ideológicas e discursivas que colocam em lados opostos e antagonicos o discurso político e o discurso ordinário em meio digital. Esse embate ideológico é representado nas mídias sociais, que reescrevem estas narrativas, contribuindo para construir o acontecimento e os efeitos de sentido dele derivados.

2. *Embasamento teórico: Análise do discurso de linha francesa*

A Análise do Discurso francesa (AD) surgiu nos anos 1960 na França, em torno do filósofo Michel Pêcheux (1990; 1997). O objeto de estudo da AD é o discurso, concebido na confluência entre língua, sujeito e ideologia. Para tanto, a AD articula três áreas do conhecimento: Linguística, História e Psicanálise, com vistas a estudar os processos de produção discursiva.

O discurso é compreendido na AD como “efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2012, p. 21). Nessa concepção, a língua não funciona pela gramática nem pelo dicionário, mas só pode ser compreendida com relação às condições de produção do discurso. Estas são imedi-

atas, a situação real de comunicação, e históricas, pois nenhum discurso fala pela primeira vez, mas é sustentado pelos discursos prévios, sendo sujeito, portanto, à história e à memória.

A psicanálise está presente na AD por meio da noção de sujeito inconsciente, teorizando que um discurso sempre é atravessado por outros (MUSSALIM, 2004), não podendo o sujeito ter controle sobre os sentidos, apesar de ter a ilusão de tê-los originado. Assim, o analista do discurso estuda os efeitos de sentido dos textos, tomados como materialização da ideologia. Para Eni Orlandi, a tese de Pêcheux pode ser assim resumida: “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2012, p. 17).

A noção de ideologia recebe teorizações diversas, mas, na AD, é a concepção marxista que a sustenta, pela influência direta do filósofo Louis Althusser, logo, de Marx, sobre as ideias de Pêcheux. Em Marx, a ideologia está assentada, principalmente, na concepção da divisão da sociedade em classes, pela estrutura capitalista que estabelece a reprodução dos meios de produção econômica. Para Althusser, a ideologia é a condição necessária para que o sistema capitalista, com sua divisão em classes, seja assegurado. Nesse sentido, a ideologia tem a ver com uma forma de mascaramento da realidade social, ao mesmo tempo em que se materializa nas práticas e, do ponto de vista da AD, nos discursos.

A obra “Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado”, de Althusser (1970), é fundamental para se compreender o conceito de ideologia na AD, pois, para este filósofo, a sociedade, e não os indivíduos em suas singularidades, é regulada por aparelhos ideológicos e aparelhos repressores de Estado. Os aparelhos ideológicos são: a religião, a família, a escola, a cultura, a política, que, segundo ele, reproduzem a ideologia dominante; já os aparelhos repressores de Estado são representados pela polícia, o Exército, as prisões e tribunais. Com base nisso, o discurso é a manifestação da ideologia, logo, todo discurso é ideológico, como explica Brandão:

Neste sentido, não há *um* discurso ideológico, mas *todos* os discursos o são. Essa postura deixa de lado uma concepção de ideologia como “falsa consciência” ou dissimulação, mascaramento, voltando-se para outra direção ao entender a ideologia como algo inerente ao signo em geral. (BRANDÃO, 2004, p. 30)

Duas noções são fundamentais para se compreender a relação entre discurso e ideologia: formação ideológica e formação discursiva.

Assim, cada aparelho ideológico de Estado, isto é, cada formação social (política, religião, escola, etc.), possui sua própria formação ideológica, um conjunto de valores que determinam as práticas e, conseqüentemente, os discursos, considerando-se que a linguagem é fulcral das relações humanas.

O conceito de formação discursiva é uma contribuição da Análise do discurso para o estudo da ideologia. Ela é assim definida por Pêcheux:

Chamaremos, então, *formação discursiva* aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.). (PÊCHEUX, 1997, p. 160) (grifos do original)

Assim, a formação discursiva é um sistema de restrições semânticas (“o que pode e deve ser dito”) que caracteriza o uso da língua por uma dada formação social/ideológica. Disso decorre que as palavras não são neutras, e o sujeito não é livre para enunciar, mas o faz a partir de um lugar, ou melhor, de um posicionamento.

Entende-se melhor, nesse ponto, por que, para a análise do discurso, as palavras mudam de sentido de acordo com as condições de produção em que o discurso é enunciado. Analisar um discurso, então, não significa decodificar um texto ou buscar a verdade, como explica Orlandi:

A análise do discurso não procura o sentido ‘verdadeiro’, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica. A ideologia não se aprende, o inconsciente não se controla com o saber. A própria língua funciona, ideologicamente, tendo em sua materialidade esse jogo. (ORLANDI, 2012, p. 42)

Sobre a noção de acontecimento discursivo, importante para o objeto desta investigação, Pêcheux o define como “o ponto de encontro entre uma memória e uma atualidade” (PÊCHEUX, 1990, p. 17). Desse modo, toda representação discursiva, sob a forma material de um texto/enunciado, está relacionada aos outros discursos, que sustentam seu sentido. Daí a importância da noção de memória discursiva, que atualiza um outro discurso, mesmo que o sujeito não tenha controle ou consciência sobre este (outro) sentido, já que este está fadado ao esquecimento. O sujeito não é dono de seu próprio discurso (BRANDÃO, 2004); tendo a crença de que é o criador e pioneiro de seus dizeres, esquece-se, no entanto, de que os sentidos já estão postos antes dele.

Considerando que, no *corpus* a ser analisado, as publicações e comentários atualizam saberes e representações dos sujeitos – oficiais e ordinários – sobre as ciências humanas, quer de forma valorizante, quer desvalorizante, o quadro teórico e analítico da Análise do discurso francesa parece-nos produtivo para se compreender o debate em pauta como um acontecimento discursivo, submetido à história e à memória.

A fim de preparar o leitor para as análises, expomos a seguir as condições de produção dos discursos repercutidos nas redes sociais.

3. O embate no meio digital

O embate sobre a legitimidade das ciências humanas no meio digital não data de hoje, mas adquiriu uma repercussão em 2018, ano das eleições presidenciais no Brasil, que, à época, compunha um quadro de extrema polarização política por parte da esquerda, que ocupara o poder por treze anos, e do surgimento de uma nova direita, que teve o candidato eleito para ocupar o cargo máximo da República.

Nesse clima de polarização política, o debate sobre a legitimidade das ciências humanas surge ressignificado. Tendo a noção de que este debate não data de hoje, o ressurgimento neste contexto e atualidade, transpassa sujeitos que são dotados de pouca consciência sobre a historicidade do debate e de seus argumentos, que são dotados de sentidos que ele “escolhe” empregar, porém não tem noção do peso ideológico das palavras, já que os sentidos são históricos, remetendo-nos à questão da memória e do esquecimento, condição para a reprodução dos discursos.

Essas discussões ganharam forma e força no meio digital, em particular nas redes sociais, colocando em lados opostos, diferentes formações discursivas. De um lado, emanam opiniões de sujeitos que não veem as ciências humanas como conhecimento científico, e reivindicam a retirada dos cursos desta área das universidades brasileiras. É o caso da ideia legislativa proposta em 2018 pelo cidadão Thiago Turetti (SP), sob justificativa de que não é adequado o uso do dinheiro e espaço público aplicado a essas áreas, pois o país precisa de mais médicos e cientistas. Turetti cita alguns cursos, como medicina e engenharia, sinalizando uma série de cursos de humanas que poderiam ser realizados em instituições privadas.

É importante situar que as ideias legislativas são propostas por cidadãos no *site* e-Cidadania. Ao atingirem a meta de apoio dos internau-

tas, mediante aos parâmetros do portal – a saber, 20 mil votos em até 120 dias –, a ideia é encaminhada ao Senado por meio de algum parlamentar e pode vir a ser discutida e, dada a constitucionalidade e relevância, pode até mesmo se tornar um projeto de lei.

A seguir, transcrevemos a referida página, onde consta a ideia legislativa:

Figura 2: Ideia legislativa de extinção dos cursos de humanas nas universidades públicas (2018).



Do outro lado, temos uma ideia legislativa que vai contra a primeira, e defende a permanência dos cursos de ciências humanas nas universidades públicas, sob justificativa de que os cursos da área de humanidades contam, em sua maioria, com alunos de baixa renda que teriam que pagar por estes cursos caso fossem realizados em instituições privadas. Esta ideia legislativa se oficializou, após obter mais de 20.000 apoios, tornando-se a Sugestão nº 19 de 2018, a qual foi levada ao Senado pela Senadora Leila Barros (PSB – DF). Transcrevemos, a seguir, a referida ideia:

Figura 3: Ideia legislativa de permanência dos cursos de humanas nas universidades públicas (2018).



Já em 2019, após ter vencido a corrida eleitoral para a Presidência da República e ter nomeado um novo Ministro da Educação (Abraham Weintraub), o Presidente Jair Bolsonaro *tweetou* sobre a proposta de descentralizar investimentos na área de humanas, citando os cursos de sociologia e filosofia. A partir deste *tweet*, emanaram diversos comentários nas redes sociais, principalmente no *Twitter*. Assim como as ideias legislativas ilustradas anteriormente (figuras 2 e 3), os comentários a partir da publicação do Presidente deram origem a um acontecimento discursivo caracterizado por um embate no meio digital, uma verdadeira “arena de lutas”, como explica Brandão:

Nessa relação interdiscursiva (com outros discursos), quer comentando, parodiando esses discursos, disputa-se a verdade pela palavra numa relação de aliança, de polêmicas ou de oposição. É nesse sentido que se diz que o discurso é uma arena de lutas em que locutores, vozes, falando de posições ideológicas, sociais, culturais diferentes procuram interagir e atuar sobre outros. (BRANDÃO, s/d, p. 5)

Esta arena de lutas configurou, com efeito, um embate entre formações discursivas antagônicas, manifestando, a despeito dos sujeitos envolvidos, diferentes representações discursivas sobre as ciências, e, em particular, sobre as ciências humanas: sua legitimidade, sua “utilidade”, sua função social. Com base nisso, discutiremos brevemente sobre a noção de ciência, a fim de compreender a historicidade do discurso de valorização e desvalorização das ciências humanas.

4. O sentido de ciência e a visão positivista das ciências

Boaventura de Sousa Santos (2008), na obra *Um discurso sobre as ciências*, caracteriza o paradigma dominante de ciência a partir da concepção de “racionalidade científica”, que teria sido originada na revolução científica do século XVI. Essa concepção considera que as ciências humanas, não sendo empíricas, mas ligadas ao senso comum, não dizem respeito a conhecimentos racionais. Este modelo do paradigma dominante não admite a concepção de uma forma de ciência que interprete, pois está sumariamente ligado ao ideal da teorização de leis e teoremas.

Nessa época, o padrão científico moderno correspondia ao modelo matemático e físico, voltado para o conhecimento dos fenômenos percebíveis da natureza, independente do tempo e outras condições externas, como o lugar onde se situa o objeto.

É nessa conjuntura de uma concepção tecnicista de ciência que surgem as ciências sociais. Quando de seu surgimento, estas estão fortemente atreladas à ciência positivista, que confundia os métodos das ciências humanas com os métodos das ciências naturais. O autor cita o exemplo de Émile Durkheim, que estudou o ser humano como animal, relacionado à natureza, não levando em conta suas peculiaridades sociais.

Essa noção de ciência dá origem a uma crise do paradigma dominante, quando as leis da física são relativizadas por Albert Einstein. Assim, o paradigma dominante, concebido como unanimidade na ciência passa por uma crise, que atingiria as ciências emergentes, as ciências sociais, abrindo portas para novas formas de apreensão da realidade.

Com a crise que atingira as ciências e leis tidas como absolutas, as ciências emergentes, as ciências sociais, tiveram portas abertas para novas formas de concepção do mundo que não o engessamento do paradigma totalitário.

As ciências sociais passam, então, a recusar as formas de positivismo lógico que foram tendência nos séculos anteriores. O cientista social ou pesquisador de ciências humanas tem como objeto a sua realidade imediata, portanto, a deslegitimação de um fato científico passa pelo crivo desvalorizante positivista, que valorizava disciplinas mecanicistas, de valores exatos pouco interpretativos e, quando considerada por Auguste Comte, como uma disciplina importante para o avanço científico, a sociologia deveria confundir-se com a Biologia e utilizar de seus métodos, o que não garantia independência do saber para estas ciências e a transformava em apenas uma outra face das ciências naturais, quando o seu método principal (observação-interpretação) era legitimado.

Maria Arminda do Nascimento Arruda (2020), professora titular do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, no artigo “Tempos de pandemia. A essencialidade das Ciências Humanas, Sociais e das Artes”, publicado no jornal *USP online*, propõe as razões da deslegitimação das ciências humanas na época atual, a qual afirma estar ligada ao ideal positivista de Max Weber, com a valorização do conhecimento científico palpável, ligado à produção tecnológica e, por consequência, à desvalorização da produção do conhecimento não aplicável.

Arruda (2020) cita algumas concepções que contribuem para a desvalorização das ciências humanas, como os ideais de valorização do capital por meio da produção tecnológica, que acentua a visão positivista

de enaltecimento do que é quantitativo e das disciplinas que estejam ligadas a este tipo de produção. Em outras palavras, as ciências humanas e sociais não têm lugar aplicável nesta esfera, tal como a ideologia de que os sujeitos do mundo contemporâneo devem se responsabilizar por suas trajetórias ao serem empreendedores, assim desvalorizando as humanidades, uma vez que suas disciplinas não têm produção aplicável na realidade de produção tecnológica capitalista. Desse modo, as ciências humanas, segundo a autora, não constituem um caminho atrativo para os sujeitos que almejam o sucesso pelo qual acreditam ser responsáveis.

Por fim, as mídias sociais surgem como um palanque para debates de sujeitos ordinários, que, não sendo especialistas, confundem os métodos científicos com opiniões fundamentadas em outros núcleos, que não o científico, assim como as *fake news* contribuem para legitimar as opiniões dos não especialistas, em detrimento da ideia de que os campos das ciências humanas poderiam ser ocupados por qualquer um do ponto de vista da esfera ordinária. Conforme Arruda:

Dito de outro modo, passou-se a privilegiar a dimensão aplicada e útil do conhecimento, dirigido a um objetivo específico, cuja forma mais desenvolvida o tornou meio de promover a riqueza, sem que se pergunte sobre os fins e a quem se destina. (ARRUDA, 2020)

5. *Análise dos discursos ordinários*

A seguir, partiremos para as análises de três *tweets*¹⁰³, representativos do modo como os sujeitos ordinários atualizam sentidos sobre as ciências humanas. Essas postagens foram divididas em dois grupos ou formações discursivas antagônicas: as que reproduzem o discurso que deslegitima as ciências humanas; e as que proferem discursos em defesa da autonomia universitária e da importância da área de humanidades.

¹⁰³ O termo “*tweet*” refere-se às postagens de usuários na rede social *Twitter*.

Figura 4: *Tweet* de internauta em apoio à publicação do Presidente.



Fonte: Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/OdaviasMachado/status/1121719313692594177>. Acesso em: 13 out. 2020.

Neste *tweet*, é interessante observar o trecho: [*Essas* faculdades de sociologia e filosofia, são *chocadeiras* de *esquerdopatas*], em que destacamos os termos “*essas*” – pronome demonstrativo, indicando que se trata de faculdades de filosofia e sociologia brasileiras, e não de outro lugar/país; “*chocadeiras*”, incubadoras, locais propícios para a formação de *esquerdopatas*; “*esquerdopatas*”, neologismo formado a partir do processo de composição por justaposição “*esquerda*” e “*pata*”, este último termo com base em “*patologia*”.

Neste comentário de uma internauta, em reação ao *tweet* do Presidente Jair Bolsonaro, podemos observar a representação desvalorizante das ciências humanas. A deslegitimação acontece no ato de proferir o discurso em forma de ataque àqueles que a internauta denomina de “*esquerdopatas*”, isto é, dotados de uma patologia ou doença que os faz ser de esquerda e, que os sujeitos integrantes das faculdades de ciências humanas sejam de esquerda. Em outras palavras, ocorre uma generalização sobre a ideologia política dos estudantes das ciências humanas e sociais.

Destacamos, ainda, o enunciado “(...) tem que investir nessas carreiras que realmente promovem o desenvolvimento do país”. Citando veterinária e engenharias, a formação ideológica presente é de que somente estas carreiras/cursos, que estão ligadas à produção palpável (construção de edifícios, tecnologia), desenvolvem e trazem o *retorno imediato* ao país, o que nos remete a uma visão tecnicista de ciência.

Desse modo, este enunciado parte da visão de ciência aplicada, notadamente de produção de tecnologia, que se justifica pelo “*retorno*

imediatamente ao contribuinte”, tal como o enunciado do Presidente da República, que estabelece um interdiscurso com “Carreiras que realmente promovem o desenvolvimento do país”, no discurso do sujeito ordinário deste *tweet*. Neste enunciado-resposta (BAKHTIN, 2003), o advérbio “realmente” adquire uma tonalidade dialógica, ou seja, não se trata de um termo neutro, mas de uma posição valorativa da comentadora sobre sua própria representação do que vem a ser ciência. Há, ainda, o sentido de que as carreiras de humanas não promovem o desenvolvimento do país, um já-dito que dá mostras de uma certa representação de ciência, diríamos, aplicada.

Há, ainda, outros sentidos “prenhes de resposta” (BAKHTIN, 2003) no discurso deste *tweet*. Retomando as ideias expressas por Maria Arminda do Nascimento Arruda (2020), há a crença de que os sujeitos são senhores de seus destinos e responsáveis por seus sucessos e fracassos, portanto, um curso de filosofia ou sociologia traria fracasso, pela baixa empregabilidade numa realidade de produção tecnológica e de capital.

Enfim, ocorre a desvalorização do conhecimento das ciências humanas e sociais, que não dotam de algum valor e podem ser proferidas em sua base de interpretação, por qualquer um; portanto, a existência destes cursos de ciências humanas nas universidades não se justifica, já que o intuito positivista dessas formações acadêmicas visa ao mercado de trabalho. Segundo essa representação, as faculdades de ciências humanas não possuem uma aplicação social, uma vez que não trazem retorno financeiro imediato ao pagador de impostos.

Transcrevemos os *tweets* a seguir, que também tratam de uma visão desvalorizante das humanidades:

Figura 5: *Tweet* de internauta em apoio à publicação do Presidente.



Fonte: *Twitter*. Disponível em: https://twitter.com/media_fuel_x/status/1150559681603149827. Acesso em: 15 out. 2020.

Sobre o *tweet* publicado no perfil oficial de Abraham Weintraub, Ministro da Educação do governo à época da publicação, destacamos o enunciado [Rápida deterioração das contas vista nos últimos anos será interrompida]. Relacionado às condições de produção deste discurso, “deterioração” tem o sentido de crítica ao modelo de funcionamento vigente nas universidades brasileiras no governo anterior, do Partido dos Trabalhadores (PT). Há, assim, uma memória discursiva relacionada ao alto investimento do governo de esquerda – que permaneceu treze anos no poder – em cursos de humanidades, o que, para a formação discursiva antagonica, teria servido para à finalidade de doutrinação ideológica dos jovens universitários. Como se vê, um não dito que se atualiza neste acontecimento discursivo, dando mostras de que o discurso é detentor de uma historicidade e de uma memória.

Entendendo que, em um período eleitoral, a troca de um regime político por outro acarreta uma nova formação ideológica e discursiva, este enunciado é uma crítica ao sistema que o sujeito considera decadente. O sujeito em questão está posto em uma posição discursiva de poder, já que ocupava, no momento desta publicação, um importante cargo no Governo Federal. Ao afirmar: “Manteremos a situação atual (pagadores de imposto)”, Weintraub denota justamente um novo ideal, de fazer-se pagar para estudar em uma universidade pública brasileira.

Com relação ao *tweet* do internauta de pseudônimo *Mad Max*, destacamos o enunciado “[...] o ideal é que os cursos de humanas, *incubadoras* de vagabundos e comunistas, sejam pagos], em que o termo “incubadoras” estabelece uma memória discursiva relacionada à representação de que as faculdades de humanas são centros para formação de pessoas de esquerda. Assim, as designações “vagabundos e comunistas”, por sua vez, traz à tona o interdiscurso do antagonismo comunistas (esquerdas) x capitalistas (direita). Os comunistas são representados, discursivamente, como aqueles que não trabalham e querem se apossar dos bens privados alheios, considerando-se, ainda, uma memória relacionada ao sentido histórico de comunismo: o fim do Estado e a divisão de bens e meios de produção entre as pessoas.

Já a designação “maconheiro playboy” parafraseia “vagabundos e comunistas”, especificando tratar-se não do cidadão comum, o trabalhador, mas aquele que não trabalha e depende dos pais. Essa rede de sentidos atualiza, assim, uma memória social e discursiva que representa os estudantes de humanidades como provenientes das classes dominantes.

A respeito dos termos destacados no enunciado anterior, temos novamente a presença do interdiscurso, ao chamar as faculdades de humanidades de “incubadoras”, uma reformulação/paráfrase de “chocadeiras”, termo enunciado pela internauta do primeiro *tweet* (figura 4). Tanto “incubadoras” quanto “chocadeiras” atualizam sentidos desvalorizantes e desqualificadores, por referirem-se a métodos de laboratório aplicados a animais, por exemplo aves (“chocadeira”). Ou seja, há a ideia de que as faculdades de humanas produzem a doutrinação ideológica de esquerda, em larga escala.

A respeito da formação discursiva que vai contra a formação que deslegitima as ciências humanas, destacamos o *tweet* a seguir:

Figura 6: *Tweet* de internauta contra outro.



Fonte: Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/HeyBrazil/status/1176512552131596288>. Acesso em: 20 out. 2020.

Este *tweet* é um enunciado-resposta, ou seja, um enunciado que responde a outro, por meio do discurso relatado na modalidade direta (“Acabei de escutar (...) ‘se eu pegar um livro de literatura’”), menção feita com o uso das aspas.

Podemos analisar o enunciado relatado [Se eu pegar um livro de literatura eu vou entender, mas se a galera de humanas pegar um livro de matemática não [*sic*] entende nada], do ponto de vista de que: a) a utilização do livro de literatura como um entendimento por uma pessoa que faz parte da área das ciências humanas faz parte da formação ideológica/discursiva que concebe as ciências humanas como um conhecimento de senso comum, por não ter aplicabilidade direta na sociedade; e que pode ser entendido/questionado por um não especialista; b) a desvalorização dos estudantes/pesquisadores da área das humanidades, que não

entenderam as disciplinas da área de exatas, como a matemática, valorizada na visão positivista, que contribuiu para a produção tecnológica; c) a visão distorcida sobre o que é literatura e Literatura, as quais se diferenciam entre a leitura e apreciação de uma obra literária, enquanto manifestação artística da linguagem, que tem a função de comunicar, portanto ser entendida por qualquer um; e o estudo acadêmico da Literatura, ou seja, a teoria literária, mais comumente abordada nos cursos de Letras, pertencente à área de humanidades.

Por fim, no enunciado (glr¹⁰⁴ de exatas deve achar que a gente fica lendo a Bela e a Fera), podemos observar o tom irônico do enunciador (internauta), que toma como exemplo uma obra da literatura infantil, um conto de fadas, para representar o discurso de deslegitimação evocado pelo enunciado relatado. Por meio dessa ironia, o enunciador quer significar que os estudos de literatura não são “fáceis”, acessíveis a qualquer um, mas dotados de métodos de investigação, ainda que estes sejam sensivelmente diferentes.

Com base nas análises realizadas, observa-se que o embate entre formações discursivas antagônicas, relacionadas ao tema da legitimidade das ciências humanas, ocorre em meio digital, mas não se restringe a este meio de circulação, tampouco à referida temporalidade. Os sentidos atualizados nos discursos analisados, produzidos por sujeitos ordinários, são reveladores de que a língua é o lugar em que a ideologia ganha forma e força.

6. Considerações finais

O discurso possui sua própria historicidade e memória, carrega representações e posicionamentos que ressurgem, reformulados, em distintos momentos da história. Os sujeitos que o (re)formulam não têm controle sobre essa historicidade, e propagam discursos com sentidos atravessados, tal como tentamos mostrar na análise de *tweets* que repercutiram uma proposta de investimento em áreas mais diretamente relacionadas às ciências aplicadas, não incluindo-se, aí alguns cursos da área de humanidades.

A polarização política e o embate nas redes sociais faz com que, junto ao esquecimento, os sujeitos profiram discursos de desvalorização

¹⁰⁴ Abreviação de “galera”, na linguagem digital.

das ciências humanas, estando inseridos em formações discursivas que correspondem a suas posições políticas e crenças, sem serem especialistas no assunto.

A memória sobre a deslegitimação das ciências humanas, ligada ao ideal positivista de ciência, que não data de hoje, e o *tweet* do presidente, que evoca a polarização política da atualidade, faz com que este embate relacionado a uma representação desvalorizante das ciências humanas, configure-se como um acontecimento discursivo. Porém, não sendo o sujeito a fonte do sentido, esse acontecimento é apenas uma das manifestações de que o discurso é carregado de memória e ideologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. Trad. de J. J. Moura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1970.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRANDÃO, H. H. N. 2004. *Introdução à Análise do discurso*. 2. ed. rev. Campinas-SP: UNICAMP, 2004.

BRANDÃO, H. H. M. *Analisando o discurso*. Museu da Língua Portuguesa. [s.d].

DIAS, C. *Análise do Discurso Digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas-SP: Pontes, 2018.

MUSSALIM, F. Análise do discurso. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. Campinas-SP: Pontes, 1987.

_____. *Discurso e leitura*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas-SP: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3. ed. Trad. de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas-SP: Pontes, 1990.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas-SP: UNICAMP, 1997.

SANTOS, J. B. *Um discurso sobre as ciências*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVEIRA, J. *Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter*. Tese de Doutorado – Curso de Doutorado em Letras, Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015. 200f.

Referências dos sites consultados

EXTINÇÃO dos cursos de humanas nas universidades públicas. *Portal e-Cidadania*. 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidania/visualizacaoideia?id=100201>. Acesso em: 28/05/2020.

PERMANÊNCIA dos cursos de humanas nas universidades públicas. *Portal e-Cidadania*. 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidania/visualizacaoideia?id=101909>. Acesso em: 28/05/2020.

TEMPOS de pandemia. A essencialidade das ciências Humanas, Sociais e das Artes. *Jornal USP on-line*. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=355419>. Acesso em: 05/11/2020.